

*As relações dos
efeitos terapêuticos
da Musicoterapia
Improvvisacional e o
desenvolvimento musical
de crianças com autismo*

Marina Horta Freire

Maria Betânia Parizzi

Este relato descreve a proposta de pesquisa que visa investigar o desenvolvimento musical de 25 crianças com autismo que passaram por tratamento de Musicoterapia Improvisacional e as possíveis relações desse desenvolvimento com os ganhos terapêuticos encontrados, a fim de evidenciar a influência do desenvolvimento musical no desenvolvimento global de crianças com autismo. O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta principalmente a comunicação e a socialização. A Musicoterapia Improvisacional, forma de tratamento bastante utilizada para essa população, emprega as técnicas da improvisação musical clínica para desenvolver vínculo, expressão e musicalidade. O trabalho se insere nas interfaces da Educação Musical Especial com a Musicoterapia, visando contribuições para as duas áreas, bem como para a área da saúde como um todo, na busca da uma melhor qualidade de vida para crianças com autismo.

Palavras-chave: transtorno do espectro do autismo, musicoterapia improvisacional, desenvolvimento musical

Introdução

O autismo, ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento de surgimento na infância, que afeta habilidades de comunicação social e comportamentos. Os sintomas apresentados e os graus de comprometimento são muito variados, podendo-se destacar atraso de fala, agressividade, estereotípias e dificuldade de manutenção de relacionamentos. Estima-se que a incidência na população é de uma em cada 100 pessoas, apresentando prevalência no sexo masculino (KLIN, 2006). Pessoas com autismo demandam acompanhamentos terapêuticos interdisciplinares e técnicas de ensino especiais para amenização dos sintomas e desenvolvimento das habilidades acometidas (BERGER, 2003).

A Musicoterapia aparece nesse contexto como uma possível e ascendente forma de tratamento para essa população. Técnicas de improvisação musical clínica são utilizadas de forma específica na Musicoterapia Improvisacional, que é uma forma de terapia musical bastante recorrente na estimulação de crianças com autismo (WIGRAM; GOLD, 2006). Nela, o musicoterapeuta espelha,

sustenta, reforça, provoca ou complementa a expressão sonora da criança, sempre visando envolvê-la no fazer musical coativo e estabelecer contato e comunicação. Ao se engajar em atividades musicais conjuntas em um contexto terapêutico interacional, são oferecidas à criança oportunidades para desenvolver e melhorar habilidades como atenção conjunta, imitação, reciprocidade, troca de papéis, todos os quais estão associados ao desenvolvimento de linguagem e de competências sociais, que são as principais áreas afetadas pelo autismo (GERETSEGGER et al, 2013). O sucesso das técnicas musicoterapêuticas no tratamento de crianças com autismo é atribuído principalmente ao grande interesse e atenção que a maioria desses indivíduos demonstra por música (MOLNAR-SZAKACS; HEATON, 2012).

O presente trabalho propõe uma análise das interfaces entre a Musicoterapia Improvisacional e a Educação Musical Especial, sob a problemática do desenvolvimento de crianças com autismo. O fascínio pelo tema surgiu da minha prática clínica e pesquisas realizadas no meu mestrado. Nos atendimentos pude perceber a eficácia da improvisação musical clínica no tratamento de crianças autistas e como as crianças se desenvolvem musicalmente, mesmo este não sendo o foco terapêutico.

Na pesquisa de mestrado, em um estudo controlado randomizado, avaliamos 25 crianças autistas com idade entre 02 e 06 anos, que passaram por 15 sessões semanais e individuais de Musicoterapia Improvisacional no Ambulatório de Autismo do Serviço de Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Essas crianças foram avaliadas antes e depois do tratamento, através de escalas respondidas pelos pais, que retratam o quadro clínico daquela criança, por exemplo, seus comportamentos sociais, sua saúde física, sua linguagem, o nível dos sintomas de autismo. Esses resultados foram comparados a um grupo controle de crianças com autismo da mesma idade, que passaram pelas mesmas avaliações, mas não receberam o tratamento musicoterapêutico. Os resultados mostraram que as crianças tratadas com a Musicoterapia evoluíram em relação às crianças que não receberam a Musicoterapia. Melhoras significativas foram observadas em todas as áreas do desenvolvimento afetadas pelo autismo: comunicação, socialização e comportamentos repetitivos.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que a Musicoterapia Improvisacional auxiliou de forma decisiva no desenvolvimento global das crianças tratadas. Entretanto, não explicam seu motivo, levantando as seguintes perguntas: “por que essas crianças apresentaram melhoras terapêuticas ao passarem pela Improvisação Musical Clínica?”, “o desenvolvimento musical influenciou nesta melhora?”. Uma vez que, paralelamente, é observado o desenvolvimento musical dessas crianças ao longo do processo musicoterapêutico, levanta-se a hipótese de que esses dois desenvolvimentos estejam intrinsecamente ligados, podendo estabelecer relação de causa e efeito.

Sabemos que a música é um instrumento único capaz de ativar diversas áreas do cérebro, não apenas as áreas da audição, mas também sendo ferramenta eficaz de neuroplasticidade, e este pode ser um motivo da melhora das crianças estudadas. Se a música chegou até essas crianças de maneira a lhes causar efeitos neuropsicológicos, então pode-se inferir que a Musicoterapia Improvisacional atuou no desenvolvimento cognitivo das mesmas.

Os efeitos da música no sistema nervoso acontecem tanto em músicos quanto em não músicos, mas sabe-se que as pessoas estimuladas ao desenvolvimento musical têm um maior número de áreas cerebrais ativadas durante a audição ou outras atividades musicais (QUEIROZ, 2003). Assim, o desenvolvimento musical facilitaria o desenvolvimento de outras habilidades extramusicais, uma vez que a música se relaciona com outras áreas extramusicais do cérebro e da vida (Ibid).

Existem pesquisas que comprovam a eficácia da utilização da improvisação musical como recurso terapêutico para crianças com autismo, e a maioria delas ressalta melhoras na comunicação e na atenção sociais das crianças estudadas (KIM *et al*, 2009; GATTINO *et al*, 2012; SARAPA; KATUSIC, 2012). Por outro lado, trabalhos como o de Skeff (2007) e de pedagogos musicais renomados como Willems (PAREJO, 2012) e Schafer (1991) apontam a importância da improvisação musical para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Contudo, fazem-se necessárias pesquisas que investiguem a existência de relação direta do desenvolvimento musical da criança autista com seu desenvolvimento decorrente da Musicoterapia, que é o caso deste projeto. Estudos dedicados a investigar os ganhos musicais por parte do indivíduo autista submetido a tratamentos de Musicoterapia ainda são escassos. Em revisão sistemática feita em

janeiro de 2015, realizamos busca nas plataformas Capes e Scholar Google e encontramos apenas um estudo experimental que trata diretamente deste tema, no qual Boso e colaboradores (2007) avaliaram a evolução de comportamentos autísticos e de habilidades musicais de oito adultos autistas que passaram por sessões grupais de musicoterapia interativa, encontrando evoluções em ambas áreas avaliadas.

Na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, à qual se vincula o presente trabalho, há duas pesquisas que se relacionam com o tema: uma monografia de conclusão do bacharelado em Musicoterapia e um mestrado na linha da Educação Musical. Na monografia, Barbosa e Castro (2013) apresentam estudo de caso de um menino autista e apontam habilidades e competências musicais apresentadas pelo paciente ao longo do processo musicoterapêutico e possíveis relações com outras áreas de sua vida, por exemplo: o controle de dinâmica musical foi direcionado pela interação social, através das consignas verbais dadas pelas musicoterapeutas e através do desenvolvimento da percepção do fazer musical conjunto, ora piano ora forte. Na área da Educação Musical Especial, em aulas de musicalização, Oliveira (2014) mostra o desenvolvimento musical e global de duas crianças autistas de 03 anos de idades através do Protocolo de Avaliação do Desenvolvimento Musical de Crianças Portadoras de TEA. Esse Protocolo, desenvolvido para a pesquisa a partir do Protocolo de Desenvolvimento Musical de Parizzi (2013), classifica em ausente, inconstante ou constante o desenvolvimento rítmico-sonoro, vocalizações, gestos, imitação e interação da criança durante as aulas de música.

O tema da presente proposta de pesquisa busca interfaces principalmente em três áreas do conhecimento: Música, Musicoterapia e Saúde. Essa interação disciplinar exigida pela interdisciplinaridade leva a discussões dos métodos, conceitos e estruturas das disciplinas envolvidas, trazendo complementaridade e aprimoramento para todas elas, e, conseqüentemente, para a ciência e para o próprio pensamento humano (CHAGAS, 2008). Dessa forma, a pesquisa aqui proposta vem contribuir tanto para a Musicoterapia como para a Educação Musical, levando em consideração que ambas trabalham com o desenvolvimento da musicalidade. Nos dois âmbitos, as contribuições servem tanto ao meio científico quanto às práticas musicais, nas intervenções para crianças com autismo.

Metodologia

Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa será dividida em três etapas: validação do protocolo de avaliação do desenvolvimento musical; avaliação do desenvolvimento musical das crianças com autismo durante o processo musicoterapêutico; e análise da relação do desenvolvimento musical dessas crianças com os efeitos terapêuticos advindos do tratamento a que elas foram submetidas. Todas elas constituem análise dos vídeos das sessões das 25 crianças autistas atendidas em Musicoterapia Improvisacional durante a pesquisa de mestrado descrita anteriormente.

Durante a primeira etapa, de validação do protocolo, trechos de alguns dos vídeos serão selecionados e submetidos à Análise de Conteúdo de modelo aberto. Nesta metodologia, fundamentada em Laille e Dionne (1999) e em Moraes (1999), jurados serão requisitados para assistir aos trechos selecionados e relatar suas impressões e percepções, avaliando livremente o desenvolvimento musical das crianças ao longo das sessões. O corpo de jurados será composto por musicoterapeutas e educadores musicais.

A análise das avaliações dos jurados é feita da seguinte forma: primeiro as avaliações serão comparadas, e serão selecionadas palavras-chaves ou subcategorias que foram utilizadas com maior frequência pelos jurados. Depois, essas palavras serão agrupadas em categorias que delinearão as características do desenvolvimento musical dessas crianças, levantando os comportamentos e elementos musicais que podem ser observados no processo de Musicoterapia Improvisacional.

Os resultados encontrados nesta análise serão relacionados com a Tabela do desenvolvimento musical para crianças do nascimento aos 6 anos (KENNEY, 2008) e com o Protocolo de Avaliação do Desenvolvimento Musical de Crianças Portadoras de TEA elaborado por Oliveira (2014). A partir dessas análises o protocolo de Oliveira será adaptado (caso necessário) e validado para esta pesquisa.

Após a validação do protocolo, será realizada a análise dos vídeos das primeiras sessões (sessões 1, 2 e 3) e das últimas (sessões 13, 14 e 15) de cada uma das crianças atendidas, para avaliação do seu desenvolvimento musical. Para esta etapa, serão utilizados a Tabela de Kenney e o Protocolo de avaliação validado na etapa anterior.

A Tabela de Kenney permitirá avaliar o estágio do desenvolvi-

mento musical de cada criança estudada de acordo com o desenvolvimento esperado para crianças com desenvolvimento típico de acordo com cada idade. O Protocolo aplicado permitirá avaliar o desenvolvimento musical das crianças estudadas de acordo com grau de autismo (leve/moderado ou grave). Para isso, as crianças serão divididas em dois grupos a partir da pontuação que cada uma obteve na escala Childhood Autism Rating Scale (CARS), que já foi aplicada durante a pesquisa de mestrado. Com esses dados, será realizada uma análise quantitativa e qualitativa, para saber se houve avanço no desenvolvimento musical das crianças.

A última etapa, de análise da relação do desenvolvimento musical com os efeitos terapêuticos, compreende a montagem de um paralelo entre o desenvolvimento musical encontrado na etapa anterior desta pesquisa e os ganhos terapêuticos extramusicais encontrados na pesquisa anterior. A metodologia para essa etapa só será definida depois de concluída a análise do desenvolvimento musical, ficando dependente dos resultados dessa análise. Espera-se, através do protocolo, encontrar meios quantitativos de correlacionar desenvolvimento musical e ganhos terapêuticos.

Resultados esperados

A presente pesquisa parte da hipótese de que o desenvolvimento musical da criança com autismo está diretamente relacionado e seria também o responsável pelo desenvolvimento de habilidades extramusicais consideradas avanços terapêuticos. Assim, espera-se que as crianças que passaram pelo tratamento de Musicoterapia Improvisacional tenham ampliado também suas habilidades musicais, qualitativamente na mesma proporção, e que a evolução das intervenções musicais em Musicoterapia Improvisacional crie paralelos com as evoluções propostas por teorias da pedagogia musical sobre o desenvolvimento musical do indivíduo.

Referências

BARBOSA, A., CASTRO, C. *Musicoterapia e Musicalidade do Autista*. 46f. 2013. Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em Musicoterapia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BERGER, D. S.. *Music Therapy, Sensory Integration and the Autistic child*. London, UK: Jessica Kingsley Publishers Ltd, 2003.

BOSO, M.; EMANUELE, E.; MINAZZI, V.; ABBAMONTE, M.; POLITI, P. Effect of Long-Term Interactive Music Therapy on Behavior Profile and Musical Skills in Young Adults with Severe Autism. In: *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*, v. 13, n. 7, p.709-712, 2007. Doi: 10.1089/acm.2006.6334.

BRUSCIA, K. E. *Improvisational Models of Music Therapy*. Springfield, IL: Charles C. Thomas Publishers, 1987.

CHAGAS, M. *Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem*. Rio de Janeiro: Mauad X Bapera, 2008.

FREIRE, M. *Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com TEA*. 74f. 2014. Dissertação de Mestrado em Neurociências Clínicas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GATTINO, G. *Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista: revisão sistemática e estudo de validação*. 180f. Tese de Doutorado em Medicina. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GERETSEGGER, M.; HOLCK, U.; GOLD, C. Randomised controlled trial of improvisational music therapy's effectiveness for children with autism spectrum disorders (TIME-A): study protocol. *BMC Pediatrics*, v. 12, n. 2, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de

Janeiro: Objetiva, 2001. Verbete: estereotipia.

KENNEY, Susan. Birth to six: Music Behaviors and How to Nurture Them. In: *General Music Today*, v. 22, n. 1, 2008.

KIM, J., WIGRAM, T., & GOLD, C. Emotional, motivational and interpersonal responsiveness of children with autism in improvisational music therapy. In: *Autism SAGE Publications and The National Autistic Society*, v. 13, n. 4, p.389-409, 2009. Doi: 10.1177/1362361309105660.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. In: *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 28, Supl. I, S3-11, 2006.

LAVILLE, C., DIONNE, J.. *A construção do saber*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MOLNAR-SZAKACS, I.; HEATON, P. Music: a unique window into the world of autism. In: *Annals of New York Academic Science*, Nova York, v. 1252, p. 318-324, 2012. Doi: 10.1111/j.1749-6632.2012.06465.x.

MORAES, R. Análise de conteúdo. In: *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, G. *Uma proposta para a avaliação do desenvolvimento musical de crianças autistas*. In: Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 3º, 2014. Anais. Rio de Janeiro: Simpom, 2014.

PAREJO, E. Edgar Willems: um pioneiro da educação musical. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Intersaberes - p. 89-123, 2012.

PARIZZI, M. B. *Música para a Saúde do bebê*. In: Seminário Internacional sobre o bebê, 3º. Paris: Instituto Langage, 2013.

PEREIRA, A.; RIESGO, R. S.; WAGNER, M. B. Childhood autism: translation and validation of the Childhood Autism Rating Scale for

use in Brazil. In: *Jornal de Pediatria*, v. 84, n. 6, p. 487-494, 2008.

QUEIROZ, G. J. P. *Aspectos da Musicalidade e da Música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica*. São Paulo: Apontamentos Editora, 2003.

SARAPA, K. B.; KATUSIC, A. H. Application of music therapy in children with autistic spectrum disorder/Primjena muzikoterapije kod djece s poremećajem iz autističnog spektra. In: *Revija za Rehabilitacijska Istrazivanja*, v. 48, n. 2, p. 124-129, 2012.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SKEFF, M. L. *Da música: seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

WIGRAM, T.; GOLD, C. Music therapy in the assessment and treatment of autistic spectrum disorder: clinical application and research evidence. In: *Child Care Health Dev*, v. 32, n. 5, p. 535-542, 2006.